



# Carnaval de Maragojipe

CADERNOS DO IPAC, 3



# Carnaval de Maragojipe

Salvador - Bahia  
2010

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jaques Wagner

SECRETARIA DE CULTURA

Márcio Meirelles

DIRETORIA GERAL DO IPAC

Frederico A.R.C. Mendonça

DIRETORIA GERAL DA FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Ubiratan Castro de Araújo

DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO ARTÍSTICO E CULTURAL

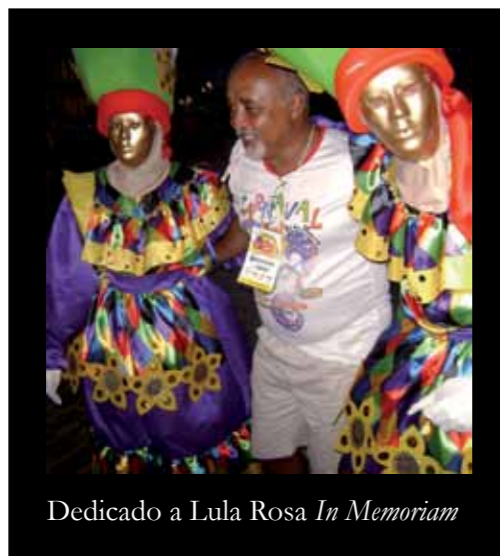
Paulo Canuto

GERÊNCIA DE PESQUISA, LEGISLAÇÃO PATRIMONIAL E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL

Mateus Torres

SUBGERÊNCIA DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA

Luiz Rosa Ribeiro



Dedicado a Lula Rosa *In Memoriam*



OS CHINEZES EM COLIA 1939

FOTOGRAFIAS

Mateus Torres

Luiz Rosa Ribeiro

Junior de Major

Rosa Vieira de Melo: 4/5, 36/37, 44 e 54

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Paulo Veiga

PESQUISA HISTÓRICA

Lygia Maria Alcântara Wanderley

PESQUISA ETNO-HISTÓRICA

Magnair Santos Barbosa

Nívea Alves dos Santos

REVISÃO DE TEXTO

Jorge Manuel da Costa Machado

Amélia Gomes de Santana

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maisa Menezes de Andrade

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica QualiCopy

---

B135 Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC.  
Carnaval de Maragogipe. / Instituto do Patrimônio  
Artístico e Cultural da Bahia. – Salvador : FPC, 2010  
62p. : il. – (Cadernos do IPAC, 2)

ISBN: 978-85-61458-28-7

1.Carnaval – Bahia. 2.Bahia – Festa Popular. 3.Maragogipe-  
História. I.Título. II.Série.

CDD 394.25981 42

---

## Sumário

### **9.** APRESENTAÇÃO

Nívea Alves dos Santos

### **13.** HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MARAGOJIPE

Mateus Torres

### **21.** FÁBRICAS DANNEMANN E SUERDIECK

Lygia Maria Alcântara Wanderley

### **27.** CARNAVAL

Nívea Alves dos Santos e Magnair Barbosa

### **33.** O CARNAVAL DE MARAGOJIPE

Nívea Alves dos Santos e Magnair Barbosa

### **45.** DEPOIMENTOS

### **51.** PARECER SOBRE O REGISTRO DO CARNAVAL DE MARAGOJIPE

Mateus Torres

### **55.** RECOMENDAÇÕES PARA A SALVAGUARDA

Luiz Rosa Ribeiro



## Apresentação

\* Nívea Alves dos Santos

No ano de 2007, a Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte, do município de Maragojipe, encaminhou ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural - IPAC, solicitação para o Registro do Carnaval daquela cidade. A demanda veio acompanhada de documentos e registros dessa manifestação que datavam a partir do século XIX. De posse dessas informações foi elaborado pela equipe técnica da Gerência de Pesquisa, Legislação Patrimonial e Patrimônio Intangível - GEPEL, parecer favorável ao estudo para registro do Carnaval, por acreditar ser importante e necessária a preservação de uma manifestação peculiar e representativa culturalmente, não apenas para a população local como para o Estado da Bahia.

Além do Registro, o IPAC manifestou interesse em elaborar o Plano de Salvaguarda do Carnaval de Maragojipe, em parceria com a Prefeitura Municipal, contemplando um espaço para a implantação de Memorial do Carnaval e mais a realização de oficinas de máscaras, de teatro, de dança e de fantasias, elementos que compõem a dinâmica carnavalesca local. Em seguida, foi entregue ao Prefeito Silvío José Santana Santos e ao Secretário de Cultura Luiz Antonio Santos e Silva a notificação para início dos estudos para o registro e salvaguarda do Carnaval de Maragojipe.

Para esta investigação, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, compreendendo um conjunto de diferentes técnicas interpretativas com o intuito de descrever

\* Antropóloga.

e decodificar os componentes que darão sentido ao objeto estudado, possibilitando ao pesquisador o emprego de uma lógica empírica, definição e dimensão do campo de trabalho, apontando algumas possibilidades para a sua abordagem. Utilizou-se pesquisa documental, através de notícias de jornais, coleta de fotografias antigas e atuais, levantamento bibliográfico referente ao tema Carnaval, entrevistas e mais o registro de histórias de vida e observação participante. Realizaram-se entrevistas gravadas e em vídeo com participantes dos festejos carnavalescos, entre músicos, organizadores, carnavalescos, políticos, historiadores, pesquisadores, artesãos que confeccionam as fantasias e máscaras e promotores do concurso de fantasia. Os encontros foram realizados em residências, atelier, Terreiro de Candomblé e estabelecimentos comerciais, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Nos dias do carnaval aconteceram encontros com um dos principais grupos de mascarados, o GRAMMA, onde foi registrada a prévia carnavalesca.

A pesquisa documental foi realizada na Biblioteca da Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes de Maragogipe e na residência do Sr. Alberto Sá, que cedeu o seu acervo de jornais para que fosse digitalizado.

A produção imagética foi constituída por nove horas de filmagens, sendo neste caso a TVE a produtora destas imagens, e por mais de trezentas fotografias algumas cedidas pela população e outras realizadas durante o carnaval de 2008. Terá por produto final um vídeo/documentário de 30 minutos que integrará o dossiê.

O desenvolvimento de um estudo utilizando o método em pesquisa qualitativa supõe um corte temporal e espacial de determinado fenômeno a ser estudado pelo pesquisador. Este corte define o campo e a dimensão em que o trabalho será desenvolvido. Neste caso, o objeto pesquisado - o Carnaval de Maragogipe - acontece todos os anos desde o século XIX, com o objetivo de evidenciar os elementos simbólicos – máscaras, adornos, vestuários, músicas, danças, expressões - sentimento da população local com o objeto.

Tratando-se de estudo sobre manifestação cultural de caráter imaterial e por sua vez repleta de historicidade, a pesquisa documental e os relatos constituíram elementos fundamentais para a análise do objeto de estudo. Neste caso, considera-

se a linguagem utilizada para este estudo elemento importante para a construção de um saber repleto de abordagens que se relacionam entre a história, a tradição e práticas culturais.

Para tal, o pesquisador apossa-se de sua criatividade servindo-se de todo referencial histórico, simbólico, documental e mais a interlocução dos sujeitos envolvidos, detalhamento de ambientes e fatos para obtenção de dados que possam justificar a importância do registro e salvaguarda do Carnaval de Maragogipe.



## Histórico do Município de Maragojipe

\* Mateus Torres Barbosa

O Município de Maragojipe está localizado na Baía de Todos os Santos, numa região constituída por mangues, baixios e tabuleiros, conhecida desde o século XVI por Recôncavo. Como boa parte dos municípios que compõem o Recôncavo Baiano, Maragojipe tem a sua história estritamente atrelada ao ciclo da cana-de-açúcar do Brasil Colonial.

Existem algumas versões para a origem do nome deste município. A primeira seria a de que esta denominação se deu por significar Rio dos Mosquitos, para os índios Aimorés, que se referiam ao local desta maneira, por ser cercado de extensos manguezais, habitat bastante propício a esses insetos. Para Theodoro Sampaio, este vocábulo encontraria sua origem na palavra *Maraú-gy-pe*, do tupi, referindo-se ao rio dos Maraús ou dos Maracujás.

Outra versão considerada pelos historiadores, contudo, aponta que o mais provável para a origem desta denominação tenha se dado devido à existência de uma tribo indígena chamada *Marag-gyp*, cujo termo correspondente seria braços invencíveis, uma vez que seus destemidos e inteligentes guerreiros, além de diferenciar-se dos outros habitantes nativos da região, dedicados ao cultivo do solo, da pesca e da caça de subsistência, demonstravam excelente traquejo no uso do arco e flecha, além de manejarem magistralmente o *tarayra* (espécie de machado pesado, elaborado com pau-ferro), arma com a qual teriam a capa-

\* Museólogo.



Vista aérea da Cidade de Maragogipe  
Fotografia: Arquivo IPAC

cidade de decepar a cabeça dos seus inimigos executando um único golpe. Os primeiros desbravadores portugueses estabeleceram-se nesta região por volta de 1520, atraídos pela riqueza das matas e pelo fácil acesso fluvial, que permitia o deslocamento de pequenas a grandes embarcações. Devido a sua localização estratégica, as atividades comerciais ali se desenvolveram de tal modo que, ainda no final do século XVI, ficou conhecida como a principal localidade da Capitania do Paraguaçu. Além dos cultivos da mandioca e da cana-de-açúcar, que propiciaram a construção de casas de farinha e engenhos, a extração da madeira foi fator preponderante para o povoamento desta região, então conhecida por Sesmaria do Paraguaçu.

Esta sesmaria foi doada a D. Álvaro da Costa, em 16 de janeiro de 1557, por seu pai, D. Duarte da Costa, 2º Governador Geral do Brasil (1553 – 1558), como prêmio pelas suas conquistas sobre os índios da região. A doação foi confirmada através de Alvará Régio, em 12 de março de 1562. Posteriormente, por Carta de 20 de novembro do ano de 1565 (tendo sua confirmação por Carta Posterior de 28 de março de 1566), o Cardeal Regente, D. Henrique transformou a sesmaria em capitania.

O território de D. Álvaro tinha quatro léguas de costa, da parte sul do Rio Paraguaçu até a barra do Rio Jaguaripe, incluindo todas as ilhas ao longo da costa e 10 léguas sertão adentro. Ao falecer, em 1575, D. Álvaro deixou sete filhos; tornando-se o primogênito, Dom Duarte, o segundo donatário das terras.

Em 1640, a povoação, cuja capela era dedicada a São Bartolomeu, foi elevada à categoria de freguesia, pelo Bispo Dom Pedro da Silva Sampaio, por proposta do Vice-Rei Dom Jorge de Mascarenhas, o Marquês de Montalvão, com o topônimo São Bartolomeu de Maragojipe.

A ascensão à condição de vila se deu no início do ano de 1724, durante visita

de inspeção do Conde de Sabugosa, 4º Vice-Rei que, sensibilizado com o clamor da população, fez criar a Vila de Maragojipe, (com território desmembrado de Jaguaripe) pelo Ouvidor-Geral Pedro Gonçalves. Como prova de gratidão, os maragojipanos ofertaram ao Conde 2.000 alqueires de farinha de primeira qualidade para o sustento da tropa, dádiva aceita com apreço, devido à escassez existente – uma seca avassaladora devastava o estado. Sua emancipação política foi obtida após a Provisão Régia de 09 de fevereiro de 1725, com denominação de Maragojipe.

A Capitania do Paraguaçu foi comprada de seu 9º donatário, D. José da Costa, pelo rei de Portugal, D. José I, através de Provisão Régia de 17 de junho de 1733, passando a ser administrada diretamente pela Coroa Portuguesa, por força da



Carta do Conselho Ultramarino, de 12 de dezembro de 1732. O Recôncavo Baiano foi pioneiro no movimento emancipador do país, de onde partiram os primeiros levantes de revolta contra a opressão lusitana instalada na colônia. Maragojipe deu importantes contribuições para a libertação do Brasil, tendo, juntamente com outras vilas do Recôncavo e do Sertão, participado da Junta Conciliatória liderada por Cachoeira, que contou com a presença de um ilustre maragojipano, o Conselheiro Imperial Antônio Rebouças. Além da participação na Junta, os maragojipanos fizeram parte do IV Regimento Milícias da Bahia, ajudando a expulsar as canhoneiras portuguesas fundeadas no Rio Paraguaçu.

Em virtude de seus importantes feitos para a consolidação da Independência do Brasil, Maragojipe, finalmente, torna-se cidade pela Ordem Provincial nº 389, de 08 de maio de 1850, sendo agraciada com o título honorífico de Patriótica.

No final do século XIX, o Município sofre o seu primeiro período de decadência econômica, motivado pelo declínio da atividade açucareira, bastante afetada pela extinção do trabalho escravo e pelo surgimento de entrepostos comerciais mais bem localizados em relação ao sistema de transportes. O comércio do Recôncavo, que, antes, era movimentado através do porto de Maragojipe, foi deslocado para os municípios de São Félix e de Nazaré, que haviam sido beneficiados, na ocasião, com ramais de estrada de ferro. Fora do principal eixo de transporte do Estado, as relações comerciais de Maragojipe se restringiram ao Município de São Felipe; a comunicação com Cachoeira e Salvador se fazia por meio de barcos a vela e por uma unidade da Companhia Baiana de Navegação, que não possuía a mesma agilidade dos trens de ferro.

O declínio da atividade mercantil foi superado na virada do século XX pela instalação de filiais das fábricas de charutos Dannemann e Suerdieck, dando novo impulso à economia local e gerando um novo ciclo de desenvolvimento para o Município. A indústria fumageira se transformou no alicerce da economia de Maragojipe, mas, com o fechamento das fábricas, Dannemann em 1948 e Suerdieck em 1992, grande parte da população que lhes servia como mão-de-obra ficou desempregada, dando início a um novo período de decadência econômica, que prossegue até os dias de hoje.

Com o fechamento da Suerdieck, ocorreu redução na população urbana do município, resultante do êxodo na perspectiva de novos campos de trabalho e ocupação. Daí, decorrendo aumento populacional nas áreas rurais, em locais onde se desenvolvia a pesca e na área de instalação de pólo petrolífero (São Roque do Paraguaçu).

De acordo com estimativas do IBGE, para o ano de 2007, a população era de, aproximadamente, 42.079 habitantes. O IDH, conforme o PNUD/2000, era de 0,634. O PIB verificado no ano de 2005 representava R\$113.285 e o PIB per capita era de R\$2.746.

Atualmente, a pesca, o artesanato de cerâmica e os serviços petroquímicos são as principais atividades econômicas do município, assim como o potencial turístico, com praias, manguezais, monumentos edificados, religiosidade, carnaval e atividades náuticas, a exemplo das regatas.



Fábrica Dannemann  
Reprodução de imagem feita no Centro Cultural Dannemann

## Fábricas Dannemann e Suerdieck

\* Lygia Maria Alcântara Wanderley

A história do fumo no Estado da Bahia tem íntima ligação com a região do Recôncavo, considerada o seu eldorado, pois, era onde se encontravam os principais municípios fumageiros, aqueles que reuniam as melhores terras e o melhor clima para o seu cultivo. Também no Recôncavo estavam os principais centros fabris, com indústrias de charutos espalhadas pelos municípios de Cachoeira (14), São Félix (10), Maragojipe (5), Muritiba (6) e Salvador, com as fábricas de tabaco Havana, Pacheco & Cia., Victória, Modelo e Liberdade.

As três grandes fábricas, Suerdieck, Dannemann e Costa Penna, chegaram a ter dez mil empregados nos municípios de Cachoeira, São Félix, Maragojipe, Cruz das Almas e Muritiba, atingindo produção anual de duzentos milhões de charutos, sendo 30% desse total exportados para a Europa e os Estados Unidos.

A fábrica de charutos Juventude foi a primeira a ser fundada em São Félix, em 1842, pelo português Francisco José Cardoso. Em 1851, na mesma localidade, Luis Costa Penna criou a Costa Penna, que encerrou as suas atividades em 1955, após 104 anos de funcionamento.

A Dannemann e a Suerdieck foram as que mais se destacaram, pelo comércio estável que possuíam, pela quantidade de mão-de-obra utilizada e por terem contribuído para a prosperidade das cidades onde estavam situadas.

\* Historiadora.

A Dannemann foi instalada em São Félix em 1873 pelo alemão Gerhard Dannemann, que ocupou a primeira Intendência do município. Iniciou a sua produção com seis operários, vindo a ser, posteriormente, uma das mais importantes fábricas do país. Em 1920 registra a presença de novos sócios, registrando um capital dos mais elevados da época: RS 1.500:000\$000 (Um mil e quinhentos contos de réis). Em 1922, é convertida em Cia. de Charutos Dannemann, sucessora da Dannemann & Cia. e da Stender & Cia., esta última com origens ligadas à antiga fábrica de charutos Fragância, fundada em 1851 pelo português José Furtado de Simas. A Dannemann foi desativada em 1948 e depois adquirida por um grupo suíço. Hoje, é a única remanescente de um áureo passado, contudo, sua prioridade é a exportação do fumo beneficiado para a Europa.

Atualmente, no Centro Cultural Dannemann, instalado num belo casarão colonial em São Félix, charuteiras demonstram, com destreza e habilidade, a arte de confeccionar charutos, atividade que exige atenção, perícia e concentração.

A história da Suerdieck se inicia no ano de 1888 quando August Wilhelm Suerdieck, empregado da firma F.H. Ottens, embarcou no porto de Hamburgo para o Brasil com a missão de fiscalizar o enfardamento do fumo em Cruz das Almas. Transcorridos quatro anos, relacionado com a firma J.O.H. Achelis & Soehne, de Bremen, criou sua própria empresa em Cruz das Almas, como exportador e enfardador de fumo, dedicando-se também ao cultivo das matas de São Félix e Cruz das Almas, conseguindo, pela experiência adquirida, obter as melhores e mais finas espécies de fumo até então produzidas. Em pouco tempo os fardos Suerdieck tornaram-se conhecidos na Europa, sobretudo na Alemanha e suas marcas AUG-AWS – Westhalia e Ramiro credenciavam o certificado de qualidade. Em 1894, adquiriu da F.H. Ottens o seu primeiro armazém.

Em 1899, com o crescente desenvolvimento, a empresa estendeu seus negócios até a florescente cidade de Maragojipe, onde edificou o seu primeiro prédio – o armazém da Praça Sebastião Pinho. Neste mesmo ano chegou à Bahia Ferdinand Suerdieck, irmão de August, que se instala em Maragojipe. Em 1905, dá início à primeira fábrica de charutos Suerdieck. A cidade oferecia ótimas condições, com excelentes charuteiras, rio navegável com porto natural - o que facilitava o escoamento da produção para Salvador e de lá para o exterior - além de possuir

boa infra-estrutura. Inicialmente a fábrica funcionou com cinco operários em 1909, eram duzentos e em 1915, contava com setecentos trabalhadores. Suas primeiras marcas foram: Simples n1, Simples n2 e Simples n3. Na Exposição Nacional ocorrida no Rio de Janeiro, em 1908, a Suerdieck arrebatou a medalha de ouro e mais dois grandes prêmios pelos produtos expostos, além de ter sido a única empresa do Brasil que obteve o Prêmio para a Cultura e Aperfeiçoamento do Fumo. Até 1913, a Suerdieck se constituía em duas firmas distintas: a fabricante de charutos A. Suerdieck e a exportadora de fumo AUG Suerdieck. Em 1914, ocorre a junção, sob a razão social de Suerdieck & Cia., sendo admitido como sócio Ferdinand Suerdieck.



Em 1920, o hoje sombrio e abandonado imóvel que abrigava a fábrica precisou ser ampliado para atender a demanda internacional de charutos, provocada pelo final da I Grande Guerra. O engenheiro Emílio Odebrecht, pioneiro na construção de concreto armado nas cidades de Recife e Salvador, projetou uma passarela de concreto interligando as fábricas, antiga e nova, separadas pela Rua das Flores. A obra provocou a reação de algumas pessoas que evitavam transitar

Assim José Coelho descreve a fábrica, em 1923, na “Obra de Propaganda”: “A grande fábrica Suerdieck é composta de dois grandes e bellos prédios ligados por uma artística ponte de cimento armado sobre a Rua das Flores 7-15, onde se acha situada, e tem accommodações em seus vastos salões para 2000 operários possuindo magníficas estufas. Completa officina de carpintaria, extensos secadores de fumo e um grande trapiche...” (pág.291).

Ferdinand Suerdieck faleceu em 1923 e para ocupar seu lugar foi convidado Gerard Meyer (cunhado de August) que se casou com a maragojipana Tibúrcia Pereira Guedes, operária da fábrica, com quem teve quatro filhos, dentre eles Geraldo Meyer Suerdieck, que comandou a empresa, em sua melhor fase, por vinte e sete anos.

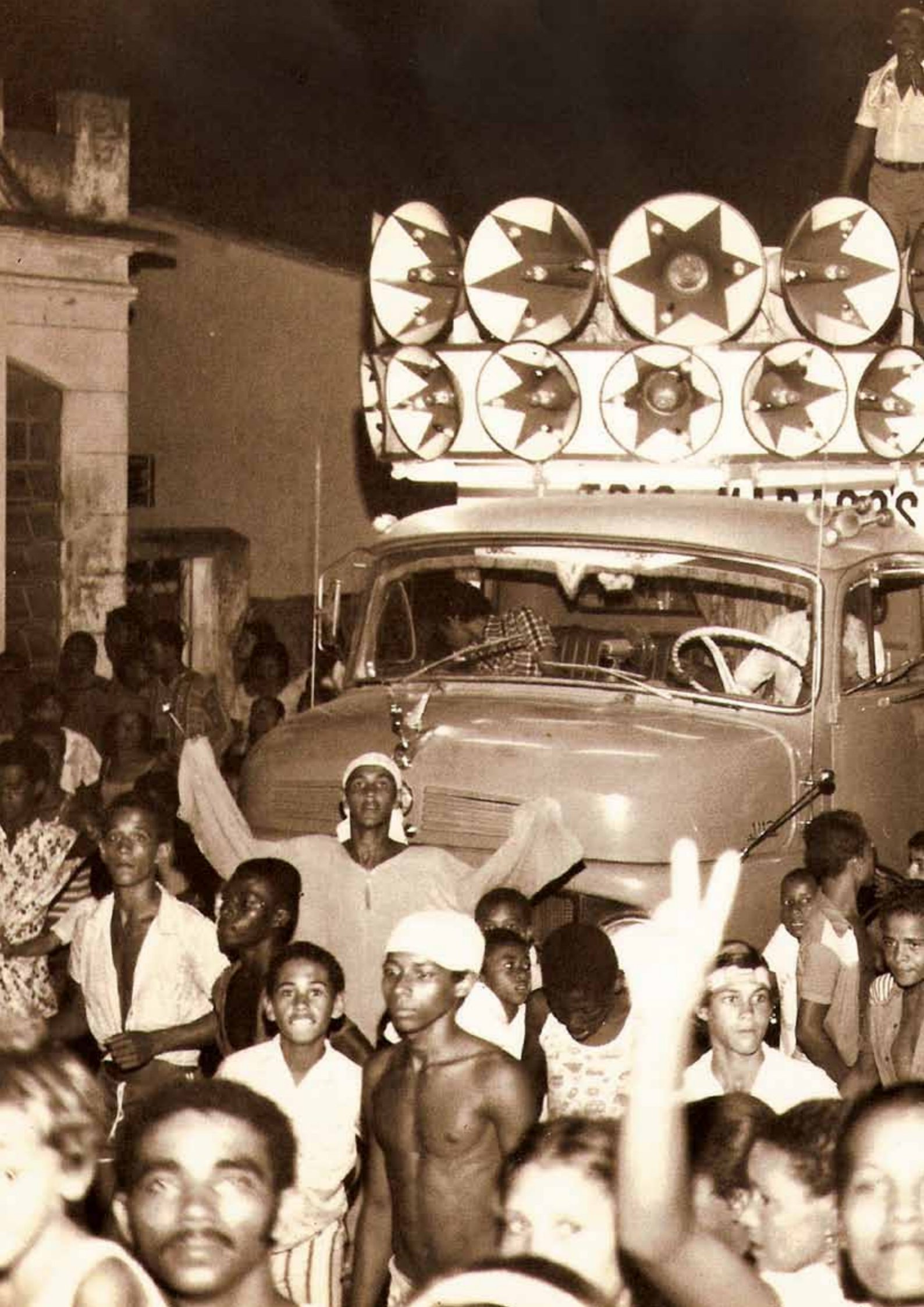
Em 1930, morre August Suerdieck, aos 70 anos, em Wiesbaden (Alemanha), e um ano após falece sua viúva. Com a morte dos proprietários, a firma não podia continuar sob a mesma razão social, pois as leis nacionais exigiam que o nome da empresa conferisse com o de seus sócios, mas permitia que, por publicação oficial, uma pessoa mudasse de nome. Passaram então os herdeiros Meyer a ser Meyer Suerdieck, mantendo assim o nome da razão social da firma.

Os anos 1950 se constituem num marco para a cidade de Maragojipe. A Suerdieck atinge o seu apogeu, na fase mais produtiva de sua trajetória. Mantinha o monopólio do ramo charuteiro, com a incorporação da Costa Penna e da Dannemann. Em 1955 atinge seu ápice, batendo o recorde de sua produção com 180 milhões de charutos por ano, feitos manualmente. Comemoraram seu jubileu de ouro, empregando, somente em Maragojipe, 2.052 funcionários. No total, 4.128 empregados, reunidos nas fábricas de Cachoeira e Cruz das Almas; depósitos de fumo em São Félix, Santo Antônio de Jesus, São Gonçalo dos Campos, Castro Alves, Conceição do Jacuípe e Salvador. No ano seguinte, ainda como parte das comemorações do cinquentenário, inaugurou no bairro do Comércio, em Salvador, o prédio que se tornou o símbolo do período de fausto da empresa: o Edifício Gerard Meyer Suerdieck, com 4.651m<sup>2</sup> de área construída, dispondo de câmara frigorífica no subsolo para estocagem de charutos e embelezando a construção um painel do artista plástico Caribé.

O Grupo Suerdieck chegou a ser formado por 15 empresas, distribuídas pelos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e no âmbito internacional, na Alemanha. Dominou 85% do mercado interno de charutos e levou o nome da Bahia para os quatro cantos do mundo, numa época em que pouco se falava do Brasil no exterior.

A crise da Suerdieck começou em 1968 quando, pela primeira vez em 63 anos, a fábrica operou no vermelho. No ano seguinte, o prejuízo se repetiu. Com a inflação em alta, o fumo sendo comprado à vista e o charuto vendido a prazo, a empresa ficou sem capital de giro e a saída foi recorrer a um empréstimo do governo. Com o atraso do financiamento a crise se avolumou e a fábrica de Maragojipe, responsável por 30% da arrecadação municipal, teve o seu controle acionário transferido para o grupo Melitta.

Em 1986, é retomado o controle da empresa por Gisela Huck Suerdieck, que cria a Agro Comercial Fumageira. Em 1992, fecha a fábrica de Maragojipe e a transfere para Cruz das Almas, sob a justificativa de enxugar a companhia e por este último município estar localizado às margens da BR 101, numa situação privilegiada, facilitando o transporte de mercadoria. O fechamento da fábrica de Maragojipe resultou no desaparecimento do maior parque charuteiro da América do Sul, provocando declínio na economia da cidade que vivia em função da indústria fumageira, sobrevivendo hoje, basicamente, do comércio, da agricultura e da pesca.



## Carnaval

\* Nívea Alves dos Santos

\*\* Magnair Barbosa

**É** a festa profana mais antiga que se tem registro. De caráter popular, representa a inversão, a informalidade, tendo como característica a coletividade – há registros de sua existência, datados de mais de três mil anos. As suas raízes mais antigas foram encontradas na Grécia Antiga, no culto a Dionísio (o Baco da mitologia Romana), deus da colheita das uvas. Atualmente é realizado em diversas partes do mundo, com características próprias em cada localidade, mas, com um sentimento comu: a alegria.

Trata-se de manifestação cultural que acontece em dias e espaços definidos, onde pessoas ou grupos se encontram, com alegria e espontaneidade. A reconfiguração de espaços e a inversão de valores são elaboradas e definidas, para aquele contexto festivo, lúdico, simbólico.

No contexto cultural, pode ser considerado o lugar da significação, da representação, da simbolização, da diversidade. Todas estas categorias estão associadas ao modo como as pessoas, nas suas práticas, revivem a cada época, já que cada realidade cultural tem sua lógica e dinâmica própria, em cada sociedade.

Para Roberto DaMatta <sup>1</sup>, é no carnaval que a sociedade pode ter uma visão diferente de si mesma. Isso explica porque, nesses momentos, pessoas ou grupos de pessoas incorporam personagens que fazem contraponto ao cotidiano,

\* Antropóloga \*\* Historiadora.

<sup>1</sup> Roberto DaMatta. O que faz o Brasil?, 2001.

regras são quebradas, as ambigüidades e os dilemas são vivenciados sem questionamentos e os juízos de valor são esquecidos por alguns momentos e tudo se transforma numa grande alegoria.

Como um ritual, pode ser considerado, segundo DaMatta, um fenômeno especial que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, além de servir para reproduzir relações sociais já que toda sociedade possui o seu próprio repertório definido, embora flexível, compartilhado e público, de categorias, classificações, formas e valores.

Stanley Tambiah <sup>2</sup>, antropólogo, formula dentre algumas definições para ritual como sendo um sistema cultural de comunicação simbólica, de seqüências ordenadas, padronizadas de palavras, atos, em geral expressos por múltiplos meios.

DaMatta <sup>3</sup> considera uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operacional e, por causa disso, um momento extraordinário é inventado, ou seja, o Carnaval cria uma situação em que certas coisas são possíveis e outras devem ser evitadas, como por exemplo, durante o Carnaval não deveria haver lugar para a tristeza, para a zanga.

É uma grande comédia, onde o triste deve manter-se distante, dando lugar à trama principal desse ato - a alegria, onde impera a liberdade, a ausência de todo sentimento negativo das obrigações e em que é permitido cometer excessos. Exerce um domínio irresistível sobre aqueles que participam das festividades, pois tem a capacidade de deslocar da realidade cotidiana, independente da posição ocupada na estrutura social.

Apresenta traços singulares quanto à preservação da memória histórica, entretanto, está ligado ao campo de tradições festivas da Bahia, num diálogo de rupturas e continuidades. Assim sendo, para pensar o carnaval de Maragogipe como um nexo dentro de uma abordagem maior, faz-se necessário percorrer a trajetória carnavalesca da Bahia.

<sup>2</sup> TAMBIAH, Stanley. *A Performative Approach to Ritual. Culture, Thought and Social Action*. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1985.

<sup>3</sup> DaMATTa, Roberto. *O que faz o Brasil?*, 2001.

Surgiu, no Brasil, em 1723 e era realizado em todos os povoados, vilas e cidades. Tinha um caráter universal, não havia variações nas diversas localidades, somente a partir do século XIX, com a vinda da Família Real, as comemorações tomaram outra característica. Denominado por Entrudo, <sup>4</sup> folguedo de origem portuguesa, era celebrado para festejar a entrada da primavera, muito antes do cristianismo. Após a implantação do cristianismo, passou a ser realizado do sábado Gordo à quarta-feira de Cinzas, que antecede o período católico das celebrações da Quaresma. Tem o Rei Momo (deus pagão que presidia os festejos carnavalescos em Roma) como maior representante da folia.

O entrudo aportou nas terras da Bahia por volta da primeira metade do século XVII, festejado de forma sagrada e profana nos conventos ou nas ruas, marcando genuinamente as formas de viver e pensar as festividades locais. O viajante francês La Barbinais deixou registro do caráter sagrado do Santo Entrudo nas Ordens Terceiras de Salvador em 2 de março de 1717, dando ênfase à de São Francisco, onde os religiosos inclinavam-se às penitências, cujas marcas de violência e sangue, resultante das flagelações, expressavam a paixão de Cristo. Os homens carregavam nas costas a imagem do Senhor carregando a Cruz e outras imagens das diversas ordens religiosas. <sup>5</sup>

No livro de despesas do Convento do Desterro da Bahia, as madres descrevem a festa do Santo Entrudo de 1802, com grandes banquetes, celebrando a entrada da Quaresma.

[...] As despesas referiam-se a um capado e um quarto, dois perus, um alqueire de arroz, 1/2 libra e tantas de farinha do reino, quatro libras de manteiga de porco e quatro libras de manteiga de vaca, quatro libras de toicinho, cebolas, alhos, pimenta, cravo, azeitona, açafraão, tomates e demais gorduras, uma canada de vinagre, ovos, oito libras de açúcar, frutas, uma quarta de sal, lenha, carvão [...] <sup>6</sup>

No século XIX, a festa do entrudo assume, nas ruas, um caráter popular. A abertura da quaresma passa a ser festejada com brincadeiras desagradáveis, como, por exemplo, sujar os transeuntes com líquidos das mais diversas procedências. “É certo tomar muito a sério uma seringada”. <sup>7</sup>

<sup>4</sup> Entrudo: do latim *introitus*: entrada da quaresma.

<sup>5</sup> NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Patriarcado e Religião: As Enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994. p. 208.

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Op. cit., 1994. p. 209.

<sup>7</sup> JORNAL DIÁRIO DA BAHIA, 23 de fevereiro de 1860.

Entrudar era a forma de se lançar aos prazeres terrenos e mundanos, através de brincadeiras violentas, para, na quaresma, esmorecer o corpo às mortificações corporais como sinal de arrependimento. Nos jornais era assunto polêmico, visto com certo ar maléfico pelos cronistas que recheavam suas colunas com críticas entorpecentes à violência social. Posturas municipais reprimindo as práticas do entrudo, assim como do uso da máscara, era fruto das pressões da imprensa e das famílias tradicionais. No entanto, “[...] para matar o Entrudo era preciso que surgisse outro meio de diversão. Talvez a adoção do Carnaval existente em terras civilizadas fosse a solução.”<sup>8</sup>

Gregório de Matos - O Boca do Inferno, poeta ocular da Bahia Colonial descreve as comemorações do entrudo no século XVII:

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,  
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,  
Os perus em poder do Pasteleiro,  
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,  
Gastar para comer muito dinheiro,  
Não ter mãos a medir o Taverneiro,  
Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,  
A buzina tanger, quebrar panelas,  
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,  
Despejar pratos, e alimpar tigelas,  
Estas as festas são do Santo Entrudo.<sup>9</sup>

Esse carnaval, essencialmente barroco, se manifestava não só pelo riso grotesco, da brincadeira, do jogo, mas, também, pelo caráter subversivo, de incômodo às diretrizes cívicas. O “barroco de rua”<sup>10</sup>, visível pela bagunça, pelo excesso do riso, das danças, da sensualidade, não era apenas mais um jeito de brincar o carnaval, mas apresentou-se como incômodo às elites que sempre demarcaram os espaços públicos.

<sup>8</sup> VIANNA, Hildegardes. Do entrudo ao carnaval na Bahia. Revista Brasileira de Folclore, n.13, p.285, set-dez, 1965.

<sup>9</sup> MATOS, Gregório de. Obra Poética. Rio de Janeiro: Record, 3.ed., 1992.

<sup>10</sup> RISÉRIO, Antônio. Avant-gard na Bahia. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

Com características urbanas, foi, também, realizado nas vilas e zonas rurais do país por grandes e pequenos proprietários. Recebeu contribuições culturais provenientes dos colonizadores europeus e dos africanos, mantendo-se durante todo o período colonial e monarquista. Nessa época, grupos de negros, mulatos livres e artesãos iam às ruas fantasiados de mulher, ou imitavam autoridades locais no vestir e no falar, ou representavam pequenas peças dramáticas.

Deixou de ser o entrudo, com brincadeiras consideradas violentas como lançar todo o tipo de líquido e pós que estivessem disponíveis uns nos outros, ou mesmo o entrudo familiar, aquele que acontecia no interior das casas senhoriais, nos principais centros urbanos, caracterizado pelo caráter ameno, ou seja, as brincadeiras entre os jovens consistiam em lançar limões de cheiro entre si, estabelecendo relações sociais mais intensas entre as famílias.

Segundo Bakhtin<sup>11</sup>, os festejos do carnaval na época medieval eram formas de ritos e espetáculos cômicos que se inter-relacionavam com a prática cotidiana. Com caráter universal, representava e interpretava a própria vida onde atores e personagens eram seus próprios interlocutores. O coletivo, o popular, o sagrado e o profano tinham o seu lugar nas ruas, na desordem, na orgia.

Nesse contexto, no carnaval, a reprodução dessa realidade cotidiana resulta num processo em que vários são os meios utilizados para a sua prática. Nele estão inseridos as fantasias especiais, alegorias, comportamento caracterizado pela inversão de papéis sociais, que, no dia a dia, não seriam aceitos de modo espontâneo pela sociedade, a musicalidade, espaços e tempos, reconhecidos como próprios para aquele momento tão rico de simbologia e significados.

<sup>11</sup> BAKHTIN, M.M. Cultura Popular na Idade Média e Renascimento. O Contexto de François Rabelais.



## O Carnaval de Maragojipe

Nívea Alves dos Santos

Magnair Barbosa

No carnaval de Maragojipe, podem ser observados aspectos que remontam a Roma Antiga, quando em homenagem a Baco, homens, mulheres e crianças saíam às ruas com seus rostos mascarados, corpos pintados, para espantar os demônios da má colheita, como descreve Jacques Surrão no texto abaixo:

A Cidade em festa.

Evohé! Evohé! Evohé!<sup>12</sup>

Eis patrícios, que estamos em plenos festejos bacchanaes no ardor imenso do vinho, da loucura e da pandega!

Fuja de noss'alma a seriedade, venha-nos a folia, saíamos desta insipidez, desta lethargia profunda, em que vivemos submersos os nossos corações por só pensar na horrível quebradeira e saboreando o doce vinho, gritemos no auge do puro entusiasmo – Evohé! Viva o Momo! Viva o Carnaval!

E Viva a Baccho!

É o delírio do vinho e da loucura!

Uns mascarados jocosos, lá vêm engraçados, acompanhados d'uma menina doida, n'uma algazarra terrível, quebrando, gostoso "maxixe"... e portanto é mister, é necessário que n'estes três dias de carnaval o povo seja louco...sem pensar.

Festa! Festa!

E viva Momo! Viva a Orgia! Viva a Baccho! Viva a loucura! Viva o Carnaval!<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Evohé – Termo latim usado para saudar Baco, deus do vinho na mitologia romana.

<sup>13</sup> Jacques Surrão. Jornal de Maragojipe, 2 de fevereiro de 1913.

Amanhece em Maragojipe; aos poucos a cidade desperta. É o começo de um grande dia, o primeiro sábado do mês de fevereiro de 2008, início do Carnaval para os maragojipanos. O calor daquela manhã anuncia qual será a temperatura das festividades. Nas ruas enlameadas surgem os primeiros Caretas, personagens que farão parte do brilhantismo da festa. São crianças que chegam aos grupos, vestidas a caráter para o evento, surgindo de todas as direções anunciando a chegada do carnaval e aos poucos toda a cidade é tomada pelo colorido das fantasias.

Na noite anterior, na abertura oficial do carnaval, uma comitiva composta pelo Rei Momo, Rainha e Princesas, o Prefeito, políticos e população concentram-se na praça principal à espera dos primeiros acordes. A partir daí, o Rei Momo, simbolicamente, governará a cidade nesses dias de folia. Os blocos, as charangas, o jêgue trio tomam conta da praça, animando a população que espera ansiosa pela festa.

Se comparado ao de Veneza, pelo requinte de suas fantasias e máscaras, o carnaval de Maragojipe tem ainda a peculiaridade de preservar referenciais herdados da cultura afro. Situado no Recôncavo baiano, Maragojipe conserva os traços coloniais, a religiosidade com influência do catolicismo e da matriz africana, a culinária, a música, o modo de ser maragojipano que considera as manifestações culturais locais, como o motor propulsor das suas vidas.

Segundo Sonia Amorim<sup>14</sup>, a primeira referência a Baile de Máscaras no Brasil é do ano de 1840, no Rio de Janeiro, importado da Europa pelas classes altas, junto com alegorias sofisticadas. Nessa época, surgiram os confetes, as serpentinas e o lança-perfume. Os grandes bailes carnavalescos da Bahia, promovidos pelo Teatro São João<sup>15</sup>, pelos clubes Cruz Vermelha e Fantoques da Euterpe, em 1884 e pelo Inocentes em Progresso em 1890, surgem como campanha ao esquecimento do entrudo, numa tentativa de importar o carnaval de Nice e Veneza, cuja exaltação ao luxo e à pompa, trariam à cena do carnaval brancos e crioulos de classe média. As fantasias e as famosas máscaras venezianas inspiravam-se na

<sup>14</sup> AMORIM, Sonia Maria Costa de. Carnaval e Máscara: a magia da cena brincante da cidade de Rio de Contas. Salvador, 2006.

<sup>15</sup> Teatro São João da Bahia a partir da década de 60 realizou bailes de mascarados durante o carnaval conhecido como “Noite de Sábado”, cujos ritmos mesclavam valsas, polcas e quadrilhas.

elegância e no bom gosto dos trajes dos séculos XVII e XVIII, nos personagens da Commedia Dell’Arte, em que figuram os nossos conhecidos pierrôs, colombinas e polichinelos.<sup>16</sup>

O espaço dos clubes não estava ao alcance de todos, por isso as ruas continuaram a ser freqüentadas por negros escravos e libertos, agora fiscalizados pela polícia que, incentivada pela sociedade civil, passou a distribuir máscaras gratuitamente.

O carnaval da Bahia, do século XVII ao XX, sofreu transformações pontuais, estimuladas por comerciantes que abarrotaram suas lojas com variadas modalidades de máscaras e vestimentas – pierrôs, dominós e outros artigos. Nessa longínqua trajetória, o carnaval passou a ser um projeto empresarial, requerendo toda uma gama de articulação entre os poderes públicos e as entidades carnavalescas, para montagem do espetáculo.<sup>17</sup>

Maragojipe ainda conserva a tradição dos mascarados, pelas formas artesanais de produzir fantasias, de patrocinar o riso e promover a representação da vida cotidiana. Os registros do carnaval de Maragojipe apontam para fins do século XIX<sup>18</sup>, paralelo aos tempos áureos do carnaval da Bahia, como mostra a seguir:

#### O Carnaval

É impossível descrever-mos o que foi o carnaval nesta cidade; foi uma festa imponente!

Nos três dias os “Clubs Filhos da Terpsychore e União dos Engenheiros” apresentaram-se lindamente preparados, onde elles passavam erão recebidos com vivas.

Ambos forão puxados pela Philarmonica Tepsychore que devidiu-se em duas bandas para satisfazer bem aos seus adeptos.

O que desejamos é que continuem sempre com este divertimento que dá nome a nossa terra.

Conta-nos que à sociedade “Dois de julho” vai criar também um Club carnavalesco.

Seja bem vindo.

<sup>16</sup> MORPURGO, Giuseppe & EDIZIONI, Verona. Antologia Italiana e Pagine di Letteratura Straniera, Scolastiche Mondadori, 14 ed., 1966. Commedia dell’arte - Conhecida também como Comédia de Máscaras, a Commedia Dell’Arte era composta por espetáculos teatrais em prosa, muito populares na Itália e em toda a Europa na segunda metade do século XVI até meados do século XVIII. O espetáculo era baseado no improviso dos atores, que seguiam apenas um esquema elaborado pelo autor para cada cena cômica, trágica ou tragicômica. Grandes atores criavam as ações e os diálogos diante do público. Tornaram-se famosas as figuras de Arlequim, do doutor, do capitão Spaventa, de Pulcinella, Pantalone e Colombina, entre outros, com seus tipos físicos regionais, com seus dialetos e temperamentos especiais, vestimentas e máscaras características.

<sup>17</sup> Lisboa, Nice e Bahia: de onde veio o Carnaval. Revista da Bahia, n. 14, p.6-11, ago. 1999.

<sup>18</sup> Jornal Nova Era de 1897, 1898 e 1899 apontam para os carnavais promovidos pela filarmônica “Club Filhos da Terpsychore”.



Nos jornais, a preocupação com os bons princípios de moral do povo maragojipano revelam discursos que têm como objetivo afastar qualquer prática de lembrança ao entrudo. Embora o carnaval se apresente como “Inferno do Prazer,” a imprensa insiste em informar que, além do Momo, reinou em Maragojipe a ordem absoluta.<sup>19</sup>

Nestes tres dias, o coração dos povos deve abrir-se a um novo contentamento, porque rememoram uma victoria da Civilização contra a Ignorancia – o atrophiamiento do Entrudo, diversão que não se coadunava com ella e foi substituída pelo carnaval – a festa que consiste na livre expansão do regosijo. om ella e foi substituída pelo carnaval – a festa que consiste na livre expansão do regosijo.<sup>20</sup>

Brinquemos como pândegos civilizados e que em tudo reine a melhor ordem, são os nossos votos.<sup>21</sup>

Alerta, rapaziada maragojipana! Esqueçamos nessas 72 horas as agruras da vida, e vamos, todos, nos espalhar nas alegrias de Momo, com entusiasmo, ordem e respeito.<sup>22</sup>

Na década de 1920, foram memoráveis os inúmeros cordões, inclusive de mulheres, que se deleitavam aos prazeres da vida terrena, além da pompa dos clubes Amigos do Silêncio e Deustcher Club, do Bloco dos Caipiras, do Rancho do Jacaré e do concurso realizado pela Filarmônica Dois de Julho, direcionado à elite maragojipana.

Na década de 1930, nota-se, nas ruas de Maragojipe, os cordões das Hespanholas, Assustados e dos Nagôs; ternos da Esperança, Marujas, Bonecas, Turcas e A Fauna; rancho do Macação, mascarados, pierrôs, colombinas e, ainda, passeatas promovidas pelas filarmônicas. Confetes e serpentinas decoram o cenário dos três dias de carnaval, em que a supressão dos preconceitos sociais faz parte do caráter transversivo de mudança de personalidade e de classe social.

<sup>19</sup> JORNAL A PÉTALA, 10 de agosto de 1929, n. 33, anno II; JORNAL O PRÉLIO 18 de fevereiro de 1923 n. 116, anno III

<sup>20</sup> JORNAL A PÉTALA, 10 de agosto de 1929, n. 33, anno II.

<sup>21</sup> JORNAL O ECO, ano I, n.13, p.2, 7 de fevereiro de 1932.

<sup>22</sup> JORNAL REDENÇÃO, 3 de fevereiro de 1934.



[...] durante o carnaval é a própria vida que representa, e por certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a vida festiva.<sup>23</sup>

A presença de inúmeros mascarados, em grupos ou isolados, na década de 1950, adentrando as casas, foi acentuada. Foram registrados os blocos Tiro ao Alvo (composto por mulheres), Vicente Peixoto e das Garrafas, bailes realizados pela Filarmônica Dois de Julho, Rádio Club e Associação Atlética. O Trio elétrico de Dica e o Bumba-meu-boi de Ângelo percorreram as ruas – de forte traço colonial - do município. Ao tempo em que os bailes em recintos privados ganham visibilidade, os cordões, ranchos e ternos desaparecem.

O Trio elétrico Maragós merece destaque. Criado em 1957 pela dupla Dica e Kinande, completou 51 anos levando alegria e arrastando a massa de foliões maragojipanos. Contam que, em alguns carnavais, o trio elétrico Maragós não teve apoio financeiro da prefeitura e, por este motivo, procurava outras localidades para tocar. A população, então, aguardava a chegada do trio, na entrada da cidade, na quarta-feira de cinzas, e aí, outro carnaval acontecia, com a multidão sendo arrastada de volta à folia. O Trio Elétrico Maragós, com a sua banda Recordar, todos os anos relembra as tradicionais marchinhas e alguns dos sucessos que animaram os salões dos tradicionais clubes da cidade, a exemplo do Clube Copacabana, que existiu até a década de 1960 e que era freqüentado pela sociedade local.

Nas décadas de 60 a 80 do século passado, a atuação dos trio-elétricos modificou as maneiras de brincar o carnaval de rua de Maragojipe. Os trios Oriente, Canto das Sereias e Maragós ganham a cena do Município, arrastando foliões ao som de música trepidante, música quente. Os desfiles das filarmônicas, a veneração a Momo e as algazarras em louvor a Baco (Evoé) cedem então espaço ao delírio estridente da guitarra elétrica.

Mas, carnaval, após o advento do trio-elétrico, transformou-se apenas em pular, pular e pular [...] Assim é que os pulos tiram a beleza do carnaval. O povo está tão enfeitado com o trio elétrico que não mais tem interesse nos cordões e semelhantes.<sup>24</sup>

Enquanto Salvador, na década de 1980, vive o esplendor do Carnaval Moderno, com sua festa-produto impulsionada pelos blocos de trio, Maragojipe, embora absorva novas tendências, dialoga com as categorias de brincar o carnaval já existente.

Incorporar um personagem que interage com a comunidade, por meio de performances gestuais e visuais, faz parte da memória dos tempos idos de um povo que demonstra que a história não é um processo de fatos, causas e consequências, mas um campo de possibilidades de remodelar a cultura em temporalidades diversas. Reviver os carnavais antigos, por meio da brincadeira de careta, ou mesmo de personagens caricaturados, tais como: Banana de Pijama, Aladim, Baiana do Futuro, Arlequim, Bruxa e outras. Midiáticos: MIB Homens de Preto, O Máscara, Ana Maria Braga e Louro José. Tradicionais: Mandu e Careta; são formas de ressignificar o passado no presente.

São inúmeras as espécies de mascarados, qual merecedora de observação atenta e demorada.

Não classificando os de todos os dias, que a gente encontra a cada passo na vida, salientam-se, pelo Carnaval: o espirituoso, o engraçado, o perverso, o nullo, o cacete, o mudo, o conhecido, o estreante, o insupportavel, etc. [...]

o careta é humano, é traductor leal e verdadeiro da vida de todos os dias.<sup>25</sup>

No entanto, a comunidade local precisa ser estimulada a buscar a memória coletiva em sua história oral ou documental, no sentido de resgatar uma expressão cultural que vem se perdendo ao longo do tempo: os mandus e as máscaras produzidas com papel maché. Esta tradição vem sofrendo modificações, acredita-se, pela facilidade do acesso às máscaras industrializadas de látex ou plástico, que são oferecidas no mercado a baixo custo e sem maior rigor para decoração. Por outro lado, a técnica artesanal do fabrico da máscara de papel maché requer uma maior elaboração e isso, conseqüentemente, traz um prejuízo cenográfico e artístico na medida em que esta produção se perde no tempo.

É necessário, portanto, o incentivo à população local, na valorização e fortalecimento da memória histórica e cultural, reconstruindo de modo conjunto estas simbologias esquecidas, que podem ser fomentadas através de oficinas artesanais.

<sup>23</sup> BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 3. ed. Brasília: EDUNB; São Paulo: Hucitec, 1996, p. 07.

<sup>24</sup> JORNAL TRIBUNA DO POVO, fev. 1988.

<sup>25</sup> JORNAL DE NOTÍCIAS DA BAHIA, 27 de fevereiro de 1911, ano 32, n. 9289.

Sendo assim, o sentido de pertencimento desta comunidade pode ser mais representativo no momento em que tomam conhecimento da sua própria história, da sua cultura e dela se utilizam para resgatar a origem histórica dos caretas, que fazem do carnaval de Maragogipe uma celebração, a valorização das tradições culturais.

A prática de utilizar a máscara permite uma liberdade suprema quanto ao domínio da cena, viabilizando o necessário equilíbrio, permitindo que certos maus entendidos e outras pendências acumuladas na vida cotidiana sejam exteriorizados durante os dias de carnaval<sup>26</sup>. Para dar sentido à desordem e transgressão é necessário incorporar elementos que permitam a troca de identidades e das representações sociais. É neste momento que o elemento máscara ocupa o seu espaço, pois, o indivíduo cede lugar a uma persona, o que possibilita o encorajamento de representar vários papéis. Os mascarados apresentam um forte traço burlesco dos parâmetros reguladores da vida social, haja vista, durante o carnaval, não existirem códigos éticos e morais, apenas um espírito de careta interagindo com o corpo social.

O Carnaval de Maragogipe se destaca pela peculiaridade do uso de máscaras, alegorias e bandas de sopro. As músicas dos carnavais antigos são executadas no palco principal, grupos de samba se apresentam e, o mais importante, o sentimento que todo maragojipano tem quando se refere ao carnaval. Para eles, trata-se de uma tradição que deve permanecer na sua essência, espontânea, singular.

A festa representa, portanto, o equilíbrio entre o trabalho e o descanso, período marcado pelo esquecimento – da posição social, da personalidade – e da reelaboração de outro eu. É ainda um mesclar de catarses sob forma de crítica social, de superação psíquica e de expressão simbólica, caracterizados nos personagens cuja expressão cômica, trágica, clássica ou romântica, dá a tônica dos dias de carnaval dos mascarados em Maragogipe.

<sup>26</sup> SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. Revista Tempo, v. 7, p.169-188, 1999.





## Depoimentos

**M**ÁSSIMO ARMED – Comerciante, fundador do GRAMMA, um dos grupos organizados do carnaval de Maragojipe:

“O GRAMMA, quer dizer, Grêmio Recreativo dos Amigos Mascarados de Maragojipe. É um grupo filantrópico, composto por oito associados, que vai funcionar independente do carnaval. Nós estamos elaborando a minuta pra registro, cuja finalidade é trabalhar com idosos e crianças. E as meninas (esposas e filhas) criaram o VAQA, grupo carnavalesco que significa Várias Amigas Querendo Aparecer.”

As coisas foram mudando gradativamente; agora, a essência do carnaval, o carnaval do mascarado, o carnaval das fantasias, o carnaval da participação popular mesmo, isso não mudou. As músicas mudaram, porque a gente acompanha o que a mídia dá. Eu mesmo gosto muito das músicas de Luiz Caldas de carnaval, as músicas de Moraes Moreira, as músicas de Armandinho... Esse pessoal todo, a gente acompanhava porque a gente brincava o carnaval com mais... Tinha a Banda Mel, Ademar e Banda Furta-Cor, essa turma que foi aparecendo que, até ai, ainda, tivemos um carnaval gostoso de ouvir, de brincar.

No ano passado nós tivemos uma coincidência grande. É que nós escondemos tanto a nossa fantasia das nossas mulheres, que aconteceu o seguinte: a minha mulher, a mulher de outro componente do grupo, Edvaldo, as duas filhas dele, saíram pra a rua. E a gente tinha escolhido a fantasia de Cleópatra, que ficou muito bonita. E quando a gente foi sair pro carnaval já eram quase 2 horas da tarde. Quando a gente vai chegando à praça elas estão indo pra trocar de roupa

na casa da costureira. E aí elas avistaram o grupo da gente, umas nove pessoas. Quando elas viram que era a gente, que a gente estava só com a máscara cobrindo só o olho, elas saíram correndo, dando risada, nervosas. Mais tarde, nós encontramos elas numa rua, vestidas com a mesma [nossa] fantasia, só que de cor diferente. O pessoal perguntou: vocês sabiam? Não, não sabíamos, porque não vazou. Foi só uma coincidência, rara, que dificilmente vai acontecer de novo”.

**EDUARDO ÁGUA DURA** – Comerciante, uma das figuras mais animadas do carnaval maragojipano:

“Olha que eu conheço um bocado de lugar no Brasil, no interior principalmente e, nunca vi, em lugar nenhum, um povo tão hospitaleiro, tão simples e tão humilde, tão bom, como o maragojipano”. Eu nasci em Salvador, no Barbalho, na casa de um padre.

Minha mãe era doméstica. Eu vim pra Maragojipe com três anos, mas adoro isso aqui demais, demais; não troco isso aqui por lugar nenhum do mundo. Nosso objetivo no carnaval é só sair mesmo os três dias. É se divertir. É uma coisa que está no sangue da gente, do maragojipano. Teve uma época aí que um prefeito quis acabar com o carnaval. Ele levou meses sem pagar o funcionalismo e, no entanto, o povo foi pra as ruas e assim mesmo fez um carnaval espontâneo, alegre, sem violência, o que é mais importante, e em ritmo de confraternização. Tivemos outro prefeito que resolveu antecipar o carnaval, fazer uma espécie de micareta. Não pegou; acabamos ficando com dois carnavais: o que ele antecipou e o que nós fizemos depois, que foi maior que o dele. O carnaval de Maragojipe não tem de mexer não, porque vai mexer com a cultura do povo”.

**ALBERTO SÁ** – Guarda Municipal, filho de Osvaldo Sá (falecido), que foi um dos mais importantes intelectuais da região, com vários livros publicados:

“Antigamente, o carnaval de Maragojipe era um carnaval de ficar rodando na praça, ainda tinha o coreto ali, na praça principal. Ficava ali rodando. O trio elétrico era o de Dica, um dos fundadores. Dodô e Osmar fundou em Salvador e Dica, pode-se dizer, que foi o fundador do trio aqui em Maragojipe. No tempo do trio elétrico, porque hoje eu digo que não existe mais trio elétrico. Existe um caminhão com as bandas de axé music, o ano todo, em cima do caminhão.



Porque o trio elétrico era o trio elétrico! Era o cavaquinho! Tinha aquela música que Caetano Veloso fez: ‘Só não vai atrás do trio elétrico quem já morreu’, né? Maragojipe era assim; o trio saía, corria a cidade toda e voltava pra a praça. E tinha as bebidas, os talcos, as brincadeiras de se molhar, aquelas brincadeiras. Esse foi o meu carnaval. Nos clubes, era aqueles bailes infantis às tardes, os bailes noturnos, que ficava todo mundo correndo, rodando no salão. No intervalo, tinha aquelas brincadeiras. Então, hoje, o carnaval é só o trio elétrico, aquelas bandas com aquelas músicas que tocam o ano todo. Outra coisa que tinha fama o carnaval de Maragojipe, era a tranquilidade. Você podia cair bebo na rua que os amigos lhe pegavam e levava pra casa. Mas, hoje, você não pode contar muito com isso, mas ainda gera muita tranquilidade o carnaval daqui. A violência é insignificante no carnaval daqui”.

**AIDIL DO NASCIMENTO (DICA)** - Músico, maestro e arranjador, se autodenomina o inventor da guitarra elétrica de 5 cordas. Em 1957, criou o Trio Elétrico Maragós, que ainda hoje arrasta multidões pelas ruas da cidade:

“Eu sou um dos primeiros seguidores de Osmar. Eu tocava na Rádio Excelsior e no Rumba Dancing e aí a Marinha fez um bloco chamado Filhos do Mar. Osmar tinha trio há poucos anos. Aí, me perguntaram: você quer tocar no trio? [eu disse] Aceito. Foi eu e outro colega daqui [de Maragojipe], me arranjaram um

cavaquinho lá em Salvador mesmo, mas só que o cavaquinho não resolvia nada. Na hora h eu falava: o cavaquinho não sabe falar nada, não sola. Solar de violão? Aí peguei a solar. Aí, fiquei com aquilo na cabeça. Fui-me embora pra São Paulo, fiquei na Record, na Rádio Clube de Santo André, mas aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu voltar pra Maragogipe eu vou fazer um trio. Ai eu voltei, em 1956, pra Maragogipe. Naquele tempo era mil réis. Fui angariando dinheiro, falei com o prefeito daqui, que era Juarez Guerreiro, na época, se ele me dava um contrato pro carnaval e me dava um adiantamento. Ele então: eu dou. Eu então, com o que eu tinha no bolso, fui na Radiofon, que era na Praça da Sé, comprar um aparelho, mas, quando eu perguntei o preço, o dinheiro que tinha levado não dava. Eles perguntaram se eu não tinha nenhum comerciante que pudesse avalizar pra mim. Eu disse não, não tenho intimidade com ninguém. Quando eu ia saindo, ia entrando um comerciante daqui. Miguel, de César. Ô rapaz, tá por aqui? Tô; vim fazer um negócio aqui, mas falhou. O homem pediu um avalista e eu não tenho. Ah; isso é mole! Vamos lá! E foi Miguel quem avalizou isso aí. A gente voltou e eu dei o que tinha de entrada. Toquei o carnaval, que o prefeito me deu o contrato mesmo. Nesse primeiro, ano era eu, um rapaz no cavaquinho que se chamava Fernando e outro, Cândido. Era sociedade, nós três. Eles morreram e eu continuei.

O carnaval aqui, os caras faziam aquelas máscaras de chifre, chamava cabeçorra. Aí, dava carreira nos meninos, laçava os meninos, mas não fazia nada demais, era só pra curtir mesmo. No carnaval de rua tinha blocos, de manhã e de tarde, tinha muita gente que fazia ternos de reis durante o carnaval. Quando eu comecei com o trio, eu saía de manhã, de tarde e de noite todos os dias. Hoje, tá melhor, mais sofisticado, as máscaras de papel, essas coisas”.

**ROSÁLIA ARAÚJO (ROSA CARAPEBA)** – Nascida em 1915, essa personagem emblemática desafia quem brinque o carnaval mais do que ela. A disposição invejável, aliada a uma simpatia contagiante, fazem dessa “jovem” de 93 anos uma referência no carnaval de Maragogipe:

“Rosa Carapeba é porque minha mãe, quando ia lá pro porto do peixe mariscar, só pedia carapeba. É um peixe; tem pequeno, tem grande, cada carapebão enorme! E mainha só pedia carapeba. Aí, botaram o nome dela Moçazinha Cara-

peba. Aí, botaram meu nome Rosa Carapeba. Se você chegar na Rua do Rio e disser que quer ir na casa de Rosa Carapeba, vem lhe trazer aqui.

Eu sou farrista, gosto de carnaval, faço muito carnaval, careta... O carnaval de Maragogipe é muito bom; sábado, domingo, segunda, terça. Porque é alegre; se for todo mundo como eu, né? Eu me fantasio de tudo; de tudo que eu acho pela frente vou vestindo. É. Só não saio nua; também, se tivesse licença era bem capaz. Aqui em casa todo mundo é alegre, principalmente pra o carnaval. Mas a farrista mesmo, só a Rosa.



## Parecer Sobre o Registro do Carnaval de Maragojipe

Mateus Torres

Considerado um dos mais tradicionais carnavais do Estado da Bahia, o de Maragojipe ainda conserva as suas características originais, com grande participação popular e a presença de mascarados, pierrôs e fantasias nas ruas da cidade, durante os quatro dias da folia momesca. As notícias pesquisadas nas publicações locais – Jornal Nova Era, Jornal Redempção, Jornal Arquivo, Jornal Tribuna do Povo e Jornal de Maragojipe - mostram como a população e as instituições maragojipanas se mobilizam para a realização da festa, num conagraamento e animação que, ainda hoje, atrai foliões de municípios vizinhos e de Salvador que buscam, ali, um carnaval mais tranqüilo, sem violência, de grande beleza e com raízes culturais consolidadas.

Desde os seus primórdios que o carnaval de Maragojipe contou com a participação de entidades carnavalescas, a exemplo do Bloco Vicente Peixoto, Afoxé de Albertina, o Bumba-meu-boi do Inspetor Ângelo, o Bloco da Garrafa, o Bloco do Bambolê, o Terno Infantil e o Bloco do Tiro ao Alvo, este último integrado por mocinhas morenas da nossa sociedade feminina, como descreve a notícia publicada no Jornal Arquivo, de 1º de março de 1959. Também, acontecia em clubes sociais, tais como a Associação Atlética, a Rádio Clube, Filhos da Terpsycore e a União dos Engenheiros. A Sociedade Filarmônica Dois de Julho e a Philarmônica Terpsycore, patrimônios culturais dos maragojipanos, também, se inseriam nos festejos carnavalescos.

Para se ter uma idéia de como a cidade se mobilizava para o carnaval e a importância que é dada a esta festa popular, vale citar um trecho do Jornal Arquivo, de janeiro de 1968:

As vésperas da orgia carnavalesca e toda a cidade se prepara para brincar. Brinca o rico, brinca o pobre, um com cruzeiro e outro com centavo. Uns se mandam nos salões dos clubes e outros se mandam nas ruas, vielas e praias. Mas a alegria a todos contagia.

Isso demonstra o interesse que o carnaval de Maragogipe desperta na comunidade e como é aguardada a chegada desta festa.

Não foi privativa de Maragogipe essa forma de participação popular na folia momesca. Assim era em muitos municípios interioranos quando, durante os três dias, mascarados desfilavam e enchiam as ruas e praças dessas cidades com brincadeiras e visitas às residências para degustar uma boa cachacinha. À noite, a partir das 21h, os “jazzes” ocupavam, com a sua música, os salões dos clubes. A criançada tinha espaço, nas tardes, para o baile infantil. Era comum, por menor que fosse a cidade, a existência de um clube social para a parcela mais abastada da sociedade e um clube mais popular para a camada de menor poder aquisitivo.

Mas, num ou noutro, a alegria contagiava os foliões. Essa prática está se perdendo ou já não faz mais parte do modo de brincar carnaval, substituído por variações e carnavais fora de época.

No carnaval de Maragogipe, a sua história tem sido contada ao longo do tempo nas suas manifestações artísticas e culturais. É o povo quem planeja, produz e executa o carnaval, independente do apoio oficial. É com orgulho que as pessoas narram as tentativas frustradas que algumas administrações municipais tiveram para mudar o carnaval e torná-lo micareta, a fim de evitar a coincidência com o carnaval de Salvador. Numa dessas oportunidades em que o prefeito antecipou a festa, Maragogipe teve, num mesmo ano, dois carnavais: o antecipado, do prefeito, e o na data tradicional, realizado pelo povo. Isso demonstra a seriedade com que o maragogipano trata a festa, tendo verdadeira paixão por essa comemoração. Logo após o término do carnaval, os grupos e foliões independentes já pensam em como será o carnaval do ano seguinte. As fantasias já começam a ser escolhi-

das, os contatos com os costureiros já se iniciam, os temas são idealizados, tudo isso no maior segredo, outra marca fundamental do carnaval maragogipano.

Nada é vazado, os maridos escondem das esposas como vão sair no próximo carnaval e vice-versa, tudo isso fazendo parte desse imenso teatro ao ar livre que é o carnaval de Maragogipe. E as crianças acompanham os adultos desde cedo, se fantasiando e contribuindo para a manutenção e continuidade da festa.

Preservar essa manifestação cultural é de fundamental importância para o povo de Maragogipe que, como diz Eduardo Água Dura, “tem o carnaval no sangue” e por ele espera o restante do ano a fim de sair às ruas, fantasiado, com o intuito de se divertir e brincar. Portanto, o Registro pretendido pela comunidade local é mais do que devido; é uma oportunidade do Estado reconhecer esse patrimônio de valor inestimável da cultura baiana.



## Recomendações para salvaguarda

\* Luiz Rosa Ribeiro

Conforme o diagnóstico faz-se necessário apresentar alguns indicativos para a elaboração de um plano de salvaguarda do objeto em questão. Desta forma, evidencia-se o anseio de iniciar a discussão sobre as principais questões para a implantação de um plano de salvaguarda permanente, que deverá ser posto em prática, tão logo o Carnaval de Maragogipe venha ser oficializado como patrimônio do Estado.

Entre as principais ações idealizadas pela equipe técnica responsável pela elaboração do Dossiê de Registro, estão:

**- A criação de oficinas de confecção de adereços carnavalescos diversos e máscaras em papel machê.**

**- Estudos sobre a economia da cultura** – A confecção das fantasias e adereços diversos, assim como outros elementos que configuram todo o cenário do Carnaval, como contratação de músicos, armação de palcos e decoração dos espaços públicos, entre outros relacionados, interferem diretamente na economia do município. Os carnavalescos costumam viajar até outros municípios e, muitas vezes, até outros estados, para comprar as matérias-primas necessárias, ou contratar bandas e outros serviços. Estudos voltados à economia da cultura devem fortalecer o mercado local, com ônus adicional da melhoria na prestação de serviços em geral;

**- A criação de um espaço destinado a salvaguardar os elementos que**

\* Sociólogo.

**compõem o inventário desse Carnaval (a Casa do Carnaval)** – O inventário que compõe o Carnaval de Maragogipe, além de inestimável, é amplamente diversificado. São milhares de fotografias (que ilustram mais de um século de festividades), matérias de jornais (igualmente centenárias), instrumentos musicais (como a guitarra de cinco cordas, feita por Seu Dica), livros e séculos de memória oral, entre outros elementos, que necessitam de um local não apenas para salvuardá-los, como para expô-los a quem possa interessar. Para tanto, é necessária a configuração de um espaço, projetado, para realizar as duas ações, concomitantemente;

**- Promoção de concursos de fantasias** – O incentivo à competição saudável, materializado num concurso de fantasias, dividido em diversas categorias – Mascarados Luxo, Mascarados Originalidade, Sem Máscara Luxo e Originalidade, Transformista Originalidade, Fantasia Infantil, Mascarado Tradição, Máscara Artesanal e Campeão dos Campeões –, vem sendo efetivado pelo poder público municipal, contemplando os vencedores com um valor monetário simbólico que serve como ajuda de custo. Este incentivo poderá ser reforçado por recursos disponibilizados no Fundo de Cultura, outros programas governamentais similares e editais de fomento à cultura;

**- Registro videográfico anual das festividades** – É necessário realizar registros videográficos, desde os preparativos (reuniões para elaboração de fantasias, composições musicais, etc.) até os dias de Carnaval. Esta ação contempla a salvaguarda da memória oral e imagética do patrimônio, com possibilidade de apresentação ao público televisivo, promovendo, desta forma, a divulgação da compreensão deste bem patrimonial;

**- Parceria com as Secretarias do município e outras Secretarias do Governo** – Maragogipe está localizado numa região privilegiada, tanto pelo ponto de vista geográfico (às margens do Rio Paraguaçu, com seus mangues e um clima aprazível) quanto cultural (o Recôncavo Baiano é um celeiro cultural incontestado, com as suas dezenas de manifestações, como a Procissão da Boa Morte, a Festa d’Ajuda e o Bembé). Para explorar esse potencial turístico, mostra-se necessária uma ação conjunta entre as Secretarias de Meio Ambiente e de Turismo do Governo e as Secretarias do próprio município.

Vale esclarecer que todas as ações listadas neste documento para a elaboração do Plano de Salvaguarda, carecem de uma análise mais aprofundada, para então serem postas em prática.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Sonia Maria Costa de. Carnaval e Máscaras: A magia da cena brincante da cidade de Rio de Contas. Salvador, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 3. ed. Brasília: EDUNB; São Paulo: Hucitec, 1996, p.7.

BORBA, Silza Fraga Costa. Industrialização e Exportação de Fumo na Bahia 1870 – 1930. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). UFBA. Salvador: 1975.

BRANDÃO, Maria Azevedo (Org.) Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia, UFBA, 1998.

COELHO, José. Estado da Bahia: Obra de Propaganda Geral 1823 – 1923.

DaMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? 12. ed. Rio de Janeiro : Rocco, 2001.

FOLGUEIRA, Manuel Rodriguez. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado da Bahia. Organizado e editado pelo autor. 1930.

MATOS, Gregório de. Obra poética. Rio de Janeiro: Record, 3. ed. 1992.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. Bahia: A Cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: Hucitec Ltda., 1978.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. Patriarcado e Religião: As Enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994, p 208.

PEIRANO, Mariza. Rituais Ontem e Hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

QUATRO Séculos de História da Bahia. Cidade do Salvador em 1949. Álbum comemorativo do 4º Centenário. Publicado pela Revista Fiscal da Bahia.

RISÉRIO, Antonio. Avant-gard na Bahia. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

SÁ, Fernando dos Santos. Maragogipe no tempo e no espaço. 2001. (Coleção Cultura de Maragogipe).

SÁ, Osvaldo. Histórias Menores : capítulos da história de Maragogipe. São Félix (BA): Gráfica e Editora Odeon Ltda., 1981, 1982, 1983. v.I, II, III.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia : algumas abordagens, Revista Tempo, v. 7, 1999.

TAMBIAH, Stanley. A Performative Approach to Ritual. Culture, Thought and Social Action. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1985.

VIANNA, Hildegardes. Do estruço ao carnaval na Bahia. Revista Brasileira de Folclore, n.13, p.285, set-dez, 1965.

## JORNAIS:

JORNAL A PÉTALA, 10 de agosto de 1929. ano II, n. 33.

JORNAL CORREIO DA BAHIA, 618/2000. Caderno Correio Repórter.

JORNAL DIÁRIO DA BAHIA, 23 de fevereiro de 1860.

JORNAL DE MARAGOJIPE, 2 de fevereiro de 1913.

JORNAL DE NOTÍCIAS DA BAHIA, 27 de fevereiro de 1911. ano 32. n.9289.

JORNAL NOVA ERA. 1897, 1898, 1899.

JORNAL O ECO, 7 de fevereiro de 1932. ano I, n.13.

JORNAL O PRÉLIO, 18 de fevereiro de 1923. ano III, n.116.

JORNAL REDENÇÃO, 3 de fevereiro de 1934.

JORNAL TRIBUNA DO POVO, fev. de 1988.



Esta publicação foi editada em outubro de 2010 pelo IPAC.  
Composto em Garamond e Chaparral Pro.  
Impresso em papel couché fosco 170gr/m<sup>2</sup> e papel supremo 300gr/m<sup>2</sup>  
Gráfica QualiCopy.  
Tiragem 3.000 exemplares.  
Salvador - Bahia -Brasil.

## CARNAVAL DE MARAGOJIPE

